

ALBERTINO GONÇALVES

albertino@ics.uminho.pt

UNIVERSIDADE DO MINHO

ANÚNCIOS DA MORTE

Arte, História

O louco e a morte

08/02/2016

Palavras-chave: Bobo, Dança da Morte, Loucura, Morte



Figura 1: Dança da Morte. Alemanha. Séc. XVI

A morte e a loucura, se não andam de braço dado, andam, frequentemente, de mãos dadas. Ao nível do imaginário, naturalmente. Na dança macabra alemã, do séc. XVI (Figura 1), o louco não dá, contra o costume, a mão à morte. As demais figuras dão a mão a dois esqueletos, um de cada lado da fila de dança. Excetuando o homem de armas que, em vez de dar a mão direita à morte, a dá ao louco. O louco não dá nenhuma mão à morte, nem a direita, nem a esquerda. É o primeiro da fila, visivelmente, a contracorrente. Como compreender este estatuto excepcional? Poderá o louco ocupar o lugar da morte? Em determinadas circunstâncias, até parecem intermutáveis. Acresce que a posição do louco nesta dança macabra não é um caso isolado: na Dança e Canção da Morte, publicada por John Audelay, em 1569 (Figura 2), o louco é apresentado numa situação similar: no início da fila, sem dar a mão à morte.



Figura 2: The Daunce and Song of Death, John Audelay, 1569

A figura do louco é caracterizada pela liminaridade. Marginal, nem aqui, nem além, num rodopio excêntrico, sem pouso nem sentido fixos, a “nave dos loucos” não tem cais onde arrimar, nem destino a cumprir. Os territórios baralham-se, mesmo na última travessia, a da hora da morte.

“Voltando, pois, à felicidade dos loucos, devo dizer que eles levam uma vida muito divertida e depois, sem temer nem sentir a morte, voam direitinho para os Campos Elísios, onde as suas piedosas e fadigadas almas continuam a divertir-se ainda melhor do que antes” (Erasmus, Elogio da Loucura).

“Sem temer nem sentir a morte”, os loucos não têm barca nem trânsito predefinidos. Como o parvo do Auto da Barca do Inferno, peça de Gil Vicente que lembra as danças da morte.



Figura 3: Hans Holbein, Dance of Death Alphabet, 1523

Esta ligação entre o louco e a morte aparece em muitas imagens. O louco e a morte envolvem-se, por vezes, numa luta grotesca (Figura 3), como na letra R do Alfabeto da Dança da Morte, de Hans Holbein (1523). Escusado será dizer que só um louco ousa lutar com a morte. Noutros casos, a morte adota a roupa e os adereços típicos dos loucos (bobos). Na Dança da Morte de Heinrich Knoblochtzter (c.1488), a morte, trajada de louco, dá a mão a um capelão (Figura 4). Esta figura da morte travestida em louco repete-se na Dança da Morte de Wilhelm Werner von Zimmern (c. 1600), com a morte a conduzir um franciscano, bem como na gravura *A Mulher e a Morte* de Hans Sebald Beham (1541), em que a morte, trajada como um louco, incluindo o bastão de ar, abraça uma donzela (Figura 5).



Figura 4: Dança da Morte, Heinrich Knoblochztzer, c. 1488



Figura 5: Hans Sebald Beham. The Lady and Death. 1541

Será esta ligação entre a loucura e a morte exclusivo da fantasia medieval? Talvez não. Hugo von Hofmannsthal escreve, em 1893, a peça dramática *O Louco e a Morte*. Raul Brandão retoma o título numa farsa publicada em 1923: *O Doido e a Morte*. Eis a sinopse:

O Governador Civil, Baltazar Moscoso, dramaturgo frustrado, tenta escrever mais uma das suas peças mediocres. O contínuo Nunes avisa-o que o Senhor Milhões o vem visitar com uma carta de recomendação do ministro. Ao

ser recebido, o Senhor Milhões liga a campainha eléctrica da secretária a uma caixa que transporta consigo, comunicando que acaba de activar uma bomba, a qual rebentará daí a vinte minutos. Perante o desespero do Governador Civil que se vê abandonado por todos, inclusive a sua mulher, D. Ana, o Senhor Milhões faz a crítica demolidora das convenções sociais e a defesa de um sentido último para a Vida; o próprio Governador Civil admite ter sido a sua uma mentira. E, na iminência da explosão, chegam dois enfermeiros, que vêm buscar o Senhor Milhões, o doido. Afinal, a bomba era apenas algodão em rama e não o temido peróxido de azoto, o que leva o Governador Civil a soltar um palavrão entre a raiva e o alívio. (*O Doido e a Morte*, Edições Colibri)

À semelhança do Auto da Barca do Inferno, *O Doido e a Morte*, de Raul Brandão, bebe na matriz das danças macabras. A vítima é reduzida à sua condição miserável, não pela morte, mas por um louco. A arte de desmascarar tanto está associada à morte como à loucura. É, talvez, o atributo mais temível do bobo da corte.



Figura 6: James Ensor. Esqueletos disputando um arenque fumado. 1891

A modernidade encerra, no entanto, alguma particularidade. Com tanta razão, tanto espírito positivo, tanta promessa de salvação, tanto juízo, a morte descompensou. Para além de vestir a roupa do louco, a morte, ela própria, endoideceu. Encontramo-la assim, louca, nos quadros de James Ensor (Figuras 6 e 7), Otto Dix e George Grosz. A morte anda à solta, mais maluca do que nunca: *zombies*, *Halloween*, *death metal*, Tim Burton... Para nossa perdição no “juízo das almas” que se avizinha. Conduzidos por um louco ou por um esqueleto, estamos condenados a caminhar para a morte, sem nos enganar no caminho.



Figura 7: James Ensor. Esqueletos disputando um cadáver. 1891

NOTAS SEM RODAPÉ

Sobre o tema do louco e da morte, aconselho a leitura do artigo de Sophie Oosterwijk, “Alas, poor Yorick”. Death, the fool, the mirror and the danse macabre”, acessível no seguinte endereço: http://www.academia.edu/665091/Alas_poor_Yorick._Death_the_fool_the_mirror_and_the_danse_macabre.

Existem dois livros notáveis sobre a história do tratamento da loucura no Ocidente: a *História da Loucura*, de Michel Foucault, e *L'Ordre Psychiatrique*, de Robert Castel.

No vídeo *O Desconcerto do Mundo*, os primeiros minutos são preenchidos com imagens de danças macabras, acompanhadas com uma canção sobre o Triunfo da Morte. Está acessível no seguinte endereço: <http://tendimag.com/?s=desconcerto+do+mundo>.

Publicidade

Dar Vida à Morte

09/02/2016

Palavras-Chave: Adiar a Morte, Eterna Juventude, Renascimento



Figura 8: Marca: Acciona. Título: Re. Agência: McCann Milan. Direção: Marcel Burgos. Itália, 2009. Retirado de <https://youtu.be/tulr5e8-Bog>

Pois é impreterível que este corpo que perece se revista de

inocorrupibilidade, e o que é mortal, se revista de imortalidade. No momento em que este corpo perecível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, for revestido de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: “Devorada, pois, foi a morte pela vitória!” “Onde está, ó Morte, a tua vitória? Onde está, ó Morte, o teu aguilhão?” (Coríntios 15).

O Ocidente teve sempre dificuldade em lidar com a morte. A crença na ressurreição e na fonte da juventude é um sintoma. O regresso e o adiamento. Os anúncios de Marcel Burgos, da *Acciona* e da *PlayStation 3*, convocam esta fé angustiada.

O anúncio *Re* alude ao renascimento e à ressurreição. Um *Big Bang* à escala humana. Menos Frankenstein, costurado com pedaços alheios, e mais Osíris, assassinado por Seth. Ísis, a esposa, recolhe o corpo despedaçado e devolve a vida a Osíris.

O anúncio Victor lembra o Oskar, o menino que recusa crescer, do filme *O Tambor* (1979), uma adaptação do livro homónimo de Gunter Grass (1959). Lembra, também, as pinturas da fonte da juventude, como a de Lucas Cranach *O Velho* (ver <http://tendimag.com/2013/10/10/a-fonte-da-juventude/>). Forçando um pouco, n’*O Retrato de Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde, o envelhecimento é suspenso ou, melhor, deslocado.



Figura 9: Marca: PlayStation 3. Título: Victor. Agência: Del Campo Nazca Saatchi & Saatchi (Buenos Aires). Direção: Marcel Burgos. Argentina, 2011. Retirado de <https://vimeo.com/55933015>

Arte

A morte à flor da pele

09/02/2016

Palavras-chave: Beijo da morte, Corpo, Dança Macabra, Tatuagem, Vanitas



Figura 10: Nuremberg chronicles – Dance of Death. 1493

“[Os jovens que fazem piercings e tatuagens] procuram “autonomizar-se” do olhar dos pais. Têm o sentimento de não ser eles próprios, mas uma espécie de bem que pertence aos pais. Daqui esta frase repetida inúmeras vezes: “Eu reapropriei-me do meu corpo”, como se o corpo lhes tivesse sido roubado a um ou outro momento. Ao nível simbólico, o facto de fazer uma tatuagem ou um piercing é uma maneira, para o jovem, de assinar o seu corpo, uma maneira de dizer que é só dele” (David Le Breton, “Les jeunes prennent leur autonomie par le piercing”, jornal Le Monde, 25 de Março de 2004).

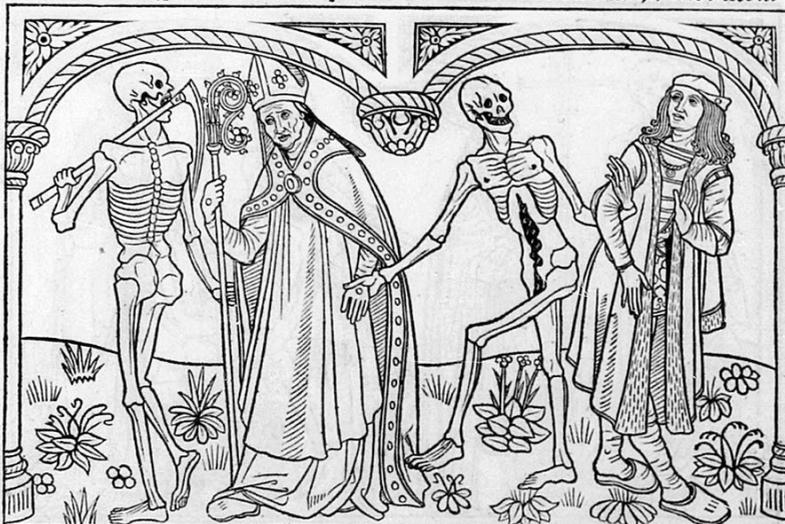


Figura 11: Danse Macabre by Cash at Addicted to Ink in White Plains, Nova Iorque

Há três fenômenos culturais que vieram ao arrepio das minhas expectativas teóricas. As tatuagens, os piercings e a moda da barba apanharam-me desprevenido. Centram-se no corpo: marcam-no e demarcam-no, mas não para o polir ou isolar. Configuram “sinais de identidade”, introduzindo uma nova modalidade de semiose social.

Homo natus de muliere breui diuēs tpe
repletur multis miseris. qui quali flos
egreditur ⁊ conteritur. et fugit velut
ūbra: et nunq̄ in eodem statu permanet.

Dado mori: genitus de
languine nobiliori.
Nec genus inducias
dat michi, vado mori.



Le mort

Tantost naurez vaillant ce pic
Des biens du monde. et de nature.
Euesque: de vous il est pic
Non ostant vostre prelature.
Vostre fait git en auenture.
De vos subges fault rēdre compte:
A chascun dieu sera droiciture.
Nest pas assureur q̄ trop hault mōte.

Leuesque

Le cuer ne me peult esioir
Des nouuelles que mort maporte
Dieu vouldra de tout compte oir:
Cest ce que plus me desconforte:
Le monde aussi: peu me conforte
Qui tous a la fin desherite.
Il retient tout: nul tien nemporte
Tout ce passe fors le merite.

Le mort

Auance vous gent escuier
Qui saues de danser les tours.
Lance pourties: et esca hier:
Et huy vous fineres vos iours.
Il nest rien qui ne praigne cours.
Dansez: et panser de fuit.
Vous ne poues auoir secour s.
Il nest: qui mort puisse fuit.

Lescuier

Puis que mort me tient en ses las
Aumoins que ie puisse vn mot dire.
A dieu deduis: a dieu solas:
A dieu dames plus ne puis rire.
Pensez de lame: qui desire
Repos. ne vous chaille plus tant
Du corps: que toul lesiours empire
Tous fault mourir on ne scet quan t.

Figura 12: Guy Marchand. Danse Macabre, 1486

Selecionei cinco tatuagens, góticas, alusivas à morte. As duas primeiras (figuras 11 e 13) copiam, literalmente, as danças macabras do séc. XV.



Figura 13: Dança macabra e memento, mori, por Stigmatattoo



Figura 14: Tatuagem gótica

A terceira (figura 14), lembra, no traço, *A Noiva-cadáver* de Tim Burton e, na postura, o *Zé Povinho* de Rafael Bordalo Pinheiro.

Na quarta (figura 15), a caveira aparece tatuada na parte do corpo mais apropriada: a cabeça.

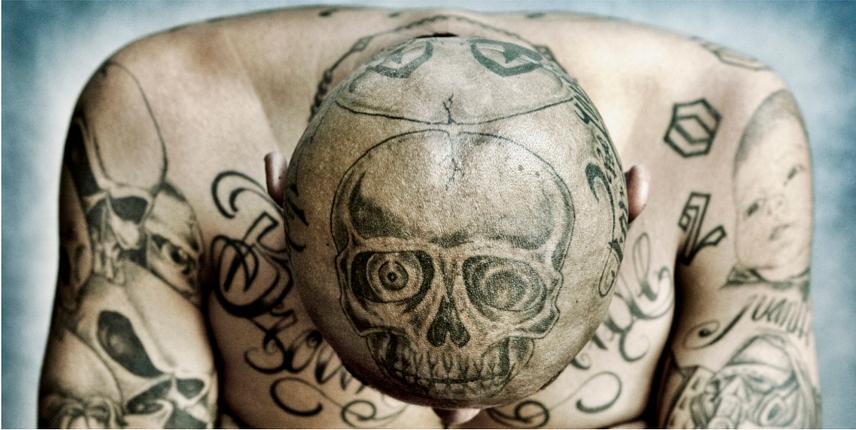


Figura 15: Eremy Woodhouse. Holly-Wilmeth



Figura 16: Livro das Horas ('As Horas de Dionara de Urbino'), Itália Central (Florença ou Mântua), c. 1480

A quinta tatuagem (figura 17) apresenta um espelho da morte, tema recorrente nas imagens medievais e barrocas (Michel Vovelle, “A História dos homens no espelho da morte”, in Herman Braet & Wermer Verbeke (eds), *A Morte na Idade Média*, S. Paulo, Edusp, 1996, pp. 11-26). O corpo assume-se como suporte do espelho da morte.



Figura 17: Skull Tattoos, Adem Senturk

Por último, depois do espelho da morte, termino com a *vanitas* nos lábios de uma tatuagem (figura 19). Original. Uma versão contemporânea do beijo da morte?



Figura 18: Hans Baldung Grien, *La Mort et la Femme*, 1517



Figura 19: Tatuagem gótica de beijo

História

Nem a morte nos separa

10/02/2016

Palavras-Chave: Fósseis Humanos, Herculano, Pompeia, Vida vs Morte



Figura 20: Amantes de Valdaro. Neolítico. Mântua. Itália

Neste tempo em que a inteligência anda tão estúpida, urge recuperar a sabedoria. “A sisudez é a armadura dos parvos” (Montesquieu).

Descobertos no norte de Itália, em Mântua, os Amantes de Valdaro (figura 20) são um caso raro de esqueletos adultos abraçados. Se não fosse um anacronismo, diria que exalam um efeito de hiper-realidade. Apresentam-se, assim, despojados de carne, mais reais do que o real. Lembram Pompeia, essa Sodoma latina em que não é preciso olhar para trás para se ficar petrificado (figuras 21, 22, 23 e 24).



Figura 21: Pompeia



Figura 22: Pompeia

Há imagens de morte que arrepiam os neurónios e avariam a fé. Assinalam como é ténue e absurda a fronteira entre a vida e a morte: um campo de concentração, um acidente rodoviário, um atentado terrorista, uma catástrofe natural... No ano 79, as cinzas do Vesúvio sepultaram Pompeia e Herculano. As vítimas petrificadas parecem não ter completado a passagem. Ainda comunicam. Duas cidades enterradas vivas, cujas ruínas só foram descobertas cerca de 1 600 anos depois. Formas únicas, assombrosas. A tragédia da vida na dança da morte.



Figura 23: Pompeia

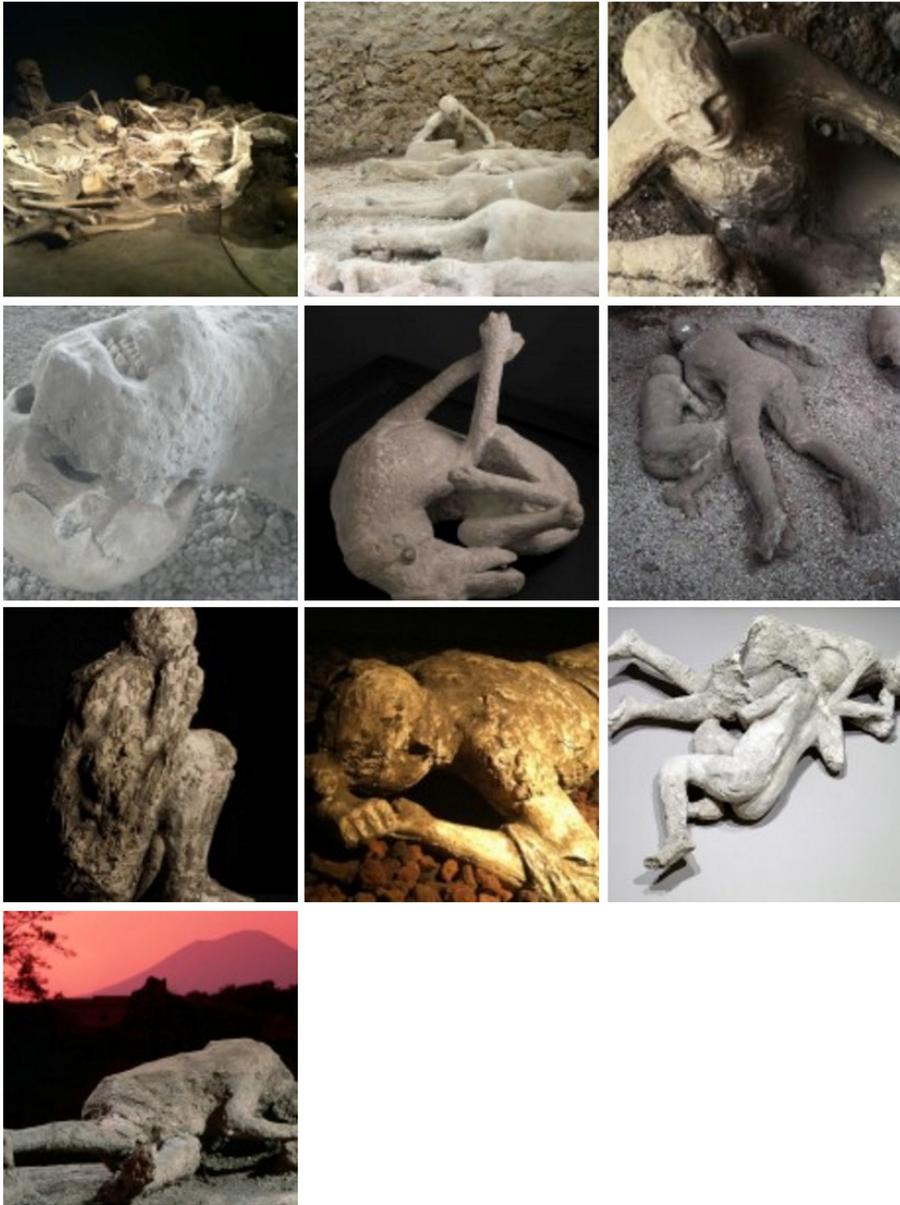


Figura 24: Pompeia

Os Pink Floyd são conhecidos pelas suas extravagâncias. As gravações ao vivo, em 1971, nas ruínas do Anfiteatro de Pompeia não constam entre as menores: o filme de um espetáculo sem público num palco improvável.

Não obstante, a música dos Pink Floyd ecoa à perfeição nesta galeria de fantasmas sólidos (ver <https://www.youtube.com/watch?v=Y9BQhmIShrg>). Durante séculos, os pintores tentaram, em vão, fixar na tela o momento da morte. O Vesúvio conseguiu esculpi-lo, em poucos minutos.

Publicidade

Só a morte nos reúne

11/02/2016

Palavras-Chave: Alemanha, Dispersão, Morte, Reunião

“Só a morte nos reúne” podia ser refrão de uma dança macabra medieval. Mas não! É atual. Só a morte nos reúne quando a vida nos separa. Com ou sem compressão do espaço e do tempo. Com ou sem comunicação multimédia. Com ou sem próteses. Com ou sem liquidez. Com ou sem híper realidade. Com ou sem tribos. O mundo da vida, o mundo de cada um, não se encolheu, aumentou. E nós perdemo-nos em tamanha imensidão! Neste tempo de laços, afetos, sentimentos e emoções, “só a morte nos reúne” é um aforismo do misto de desencontro e urgência que preside ao nosso modo de estar na vida.



Figura 25: Marca: Edeka. Título: HeimKommen. Agência: Jung von Matt (Hamburg). Direção: Alex Feil. Alemanha, Novembro 2015. Retirado de <https://youtu.be/V6-okYhqoRo>

Publicidade, Texto

Anjos Dissolventes

13/02/2016

Palavras-Chave: Corpos sem Pessoas, Morte Adiável, Poder Disciplinar, Sensibilização



Figura 26: Truth (National) Connect -Replacement Smokers

“Todos morreram juntos, novos e velhos, fracos e fortes, doentes e saudáveis; não como pessoas, não como homens e mulheres, crianças e adultos, meninos e meninas, bons e maus, bonitos e feios – mas reduzidos ao mínimo denominador comum da simples vida biológica, mergulhados no mais negro e fundo abismo da igualdade primal, como gado, como matéria, como coisas sem corpo nem alma, nem mesmo uma fisionomia em que a morte pudesse imprimir seu selo “ (Arendt, Hannah, *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 227).

Somos dados a reações desproporcionadas. Um quase nada pode turbar-nos o horizonte. Livrai-nos dos arcanjos e dos anjos da guarda, que tão empenhados andam em nos salvar. Na publicidade, as figuras do arcanjo e do anjo da guarda estão no vento: fundações e institutos públicos zelam por nós, estes crônicos e imprudentes pré-cadáveres.

No Apocalipse do terceiro milénio, à Peste, à Guerra, à Fome e à Morte, acrescentam-se a soda, o álcool, o tabaco, o sexo e a obesidade. Multiplicam-se os estudos, os planos, as campanhas e as intervenções. Para nos salvar de nós próprios (expressão historicamente funesta): diabéticos, fumadores, alcoólicos e outras categorias propensas à morte adiável. Uma morte mediaticamente anunciada. Os resultados permanecem, no entanto, escassos e frouxos. Mas não é por falta de recursos ou de argumentos públicos. Segue uma pequena amostra de alguns procedimentos característicos: litánias exemplares; imagens chocantes; o desrespeito da privacidade e da intimidade; a discriminação, a estigmatização e a culpabilização; “galerias de monstros”; a ostentação da miséria; a pedagogia do tétrico; a arbitrariedade transfigurada em chamamento e missão; a banalização da censura; a exceção por decreto; profecias fundamentadas (“uma morte lenta e dolorosa”); legitimação pela ciência e pela técnica; prenúncio da morte e cenários dantescos.

Em suma, a arte da lixívia na limpeza da vida, com os corpos dispostos em gráficos e tabelas. Estas tendências assépticas e disciplinares indiciam que as democracias não são imunes a delírios totalitários nem à suspensão cirúrgica da cidadania.



Figura 27: Anunciante: Center for Science in The Public Interest TV. Título: Change de Tune. Agência: Lumenati, USA, Junho 2015. Retirado de [https://youtu.be/3F1U95vo\]Ps](https://youtu.be/3F1U95vo]Ps)

A fazer fé no anúncio *Change the Tune*, do CSPI TV (Center for Science in the Public Interest TV), no que respeita às bebidas com soda, chegou a hora de “mudar o disco”. Este anúncio, de 2015, assemelha-se ao

anúncio *Unsweetened Truth*, da American Legacy Foundation / Truth, de 2011. Ambos os anúncios são bem concebidos e convocam testemunhos presenciais de vítimas, demarcando-se de anúncios de sensibilização que optam pela alegoria ou pela animação (por exemplo, as campanhas de prevenção da sida). A encenação das vítimas (desfile com coro) corre o risco de transformar pessoas reais em bonecos imaginados. Georg Simmel e György Lukacs chamam reificação a este fenómeno. Numa sociedade de espetáculo global, também se pode chamar, com alguma irreverência, *muppetsation*. Os “corpos sem alma”, mais do que noções de Hannah Arendt, Michel Foucault ou Giorgio Agamben, são realidades consubstanciadas em práticas massivas.



Figura 28: Anunciante: America Legacy Foundation/Truth. Título: Unsweetened Truth, Agência: Arnold, Boston. Direção: Baker Smith. USA, Março 2011. Retirado de https://youtu.be/x7_B-9OyZIs

Morte, publicidade, texto

Morte Assistida

13-04-2016

Palavras-chave: Absurdo, Afogamento, estranho, familiar, grotesco, público, Rússia, Wolfgang Kayser

Segundo Wolfgang Kayser, o grotesco radica no estranhamento. Numa situação familiar, sucede algo de insólito, que abala os nossos fundamentos e nos suspende no vazio. Mas nem sempre é o familiar que se desmorona perante o estranho. Às vezes, é o estranho que revela o familiar, como se o absurdo carecesse de um absurdo maior para se enxergar. Em suma, propõe-se um pequeno enxerto à teoria do grotesco de Wolfgang Kayser. O grotesco associa-se a um estranhamento do mundo familiar, consoante o conceito de *unheimlich* de Sigmund Freud, mas também pode estar associado a uma familiarização do estranho, a uma engrenagem do inesperado. O anúncio russo *The Drowning* constitui um bom exemplo deste grotesco familiar. No vídeo, carregue em CC e selecione *English*.



Figura 29: Marca: Mainpeople. Título: The Drowning. Agência: Stereotatic. Direcção: Michael Lockshin. Rússia, Abril 2015. Retirado de <https://vimeo.com/121336191>

Citação:

Gonçalves, A. (2016). Anúncios da Morte. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz & Elton Antunes (Eds.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar* (pp. 275-299). Braga: CECS.